

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de memória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou as seguintes obras: *Os Dias de 1898* (1913), *Os Dias de 1913* (1914) e *Os Dias de 1914* (1915).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Teve ainda outras obras publicadas em forma de folheto, sendo a mais conhecida *Os Dias de 1898*. Após o fim da carreira pública, dedicou-se ao jornalismo e à literatura. Quando foi eleito presidente do conselho, organizou a primeira reunião da Academia. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou a primeira reunião do conselho acadêmico, ocasião em que se reuniu a primeira sessão da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPE

LEONARDO MELO
1913

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz;
Das cinzas do Proconceito
Resurgem novos ideais,
Tremida a fim a unidade,
Magnânimo à Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria à Glória conduz.

Os céus se vestem de estrelas,
A terra de luz e flores,
E o sol se adorna das pássaros.

ANTÔNIO TOMÁS, PADRE

Padre Antônio Tomás nasceu em 14 de setembro de 1868, na cidade de Acaraú, Ceará, e faleceu em Fortaleza, no dia 16 de julho de 1941, aos 73 anos de idade. Estudou no Seminário de Fortaleza, tendo sido ordenado padre em 6 de dezembro de 1891. Exerceu o ministério sacerdotal no interior do estado, nas cidades de Trairi e Acaraú.

Poeta dotado de grande talento, é conhecido nacionalmente em decorrência da publicação de seus sonetos em numerosas antologias. Sua intensa produção poética, entretanto, nunca foi publicada em livros, pois deixou em testamento a proibição de que o fizessem. Em 1924, após um concurso promovido pela revista *Ceará Ilustrado*, de Demócrito Rocha, foi escolhido Príncipe dos Poetas Cearenses.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922 por ocasião da primeira reorganização do sodalício. Ocupou a cadeira número 40, cujo patrono era Luís de Miranda. Seu nome foi esquecido na segunda reorganização da academia, fazendo parte do grupo de acadêmicos "injustiçados".

O PALHAÇO

*Ontem, viu-se-lhe em casa a esposa morta
E a filhinha mais nova tão doente!
Hoje o empresário vem bater-lhe à porta,
Que a platéia o reclama impaciente...*

*No palco em breve surge... Pouco importa
O seu pesar àquela estranha gente...
E ao som das ovações que os ares corta
Trejeita e canta e ri nervosamente.*

*Aos aplausos da turba ele trabalha,
Para esconder no manto em que se embuça
A cruciante angústia que o retalha.*

*No entanto, a dor cruel mais se lhe aguça,
E, enquanto o lábio, trêmulo, gargalha,
Dentro do peito o coração soluça.*

FONTE: BARREIRA, DOLOR. PADRE ANTÔNIO TOMAZ: (CAPÍTULO INÉDITO DA HISTÓRIA DA LITERATURA). *REV. ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, FORTALEZA, v.63, n.28, p. 79-136, 1959.*

CONTRASTE

*Quando partimos no verdor dos anos,
Da vida pela estrada florescente,
As esperanças vão conosco à frente,
E vão ficando atrás os desenganos.*

*Rindo e cantando, céleres e ufanos,
Vamos marchando descuidosamente...
Eis que chega a velhice de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos.*

*Então nós enxergamos claramente
Como a existência é rápida e falaz,
E vemos que sucede exatamente*

*O contrário dos tempos de rapaz:
- Os desenganos vão conosco à frente,
E as esperanças vão ficando atrás.*

NO ENTERRO DE UM ANJINHO

*Ei-lo que segue ornado de mil flores
De manto azul e túnica de neve,
A sorrir... a sorrir, porque tão breve
Fugiu da vida sem provar-lhe as dores.*

*Vão-no levando à cova... Os portadores
Do branco esquife pequenino e leve,
São crianças também que não se deve
Deixar um anjo em mãos de pecadores.*

*Do funéreo cortejo me avizinho,
E das crianças vou seguindo os passos,
A cismar... a cismar pelo caminho.*

*E no caixão pendente de seus braços
Julgo estar vendo, não o louro anjinho,
Mas uma alma de mãe feita em pedaços.*

FONTE: BARREIRA, DOLOR. *HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE*. FORTALEZA: INSTITUTO DO
CEARÁ, 1951, T. 2, P. 424, P. 125-126. (COLEÇÃO INSTITUTO DO CEARÁ, MONOGRAFIA N. 18).